

## O PASSO DO LONTRA

Meu dinheiro sempre foi curto, medido, contado, pesado. Toquei minha vida com economia e equilíbrio e os filhos puderam "fazer" o curso superior.

Está muito bom. Uma ova que está. Nunca me sobrou "gaita" para viajar. Programei uma ida ao Rio de Janeiro, para ver o mar, as praias e aquelas mulatas espetaculares, mas em São Paulo fiquei duro. A vontade grande era conhecer o mundo todo. Nunca deu.

Arranjei um jeito de fazer turismo sem gastar. Semanal ou mensalmente devoro os 2 cadernos de turismo, que são publicados na Folha de São Paulo. Leio tudo, até os anúncios e fico sabendo os itinerários, preços, hotéis, escalas dos aviões, dos ônibus, exigências de cada país etc. Pelas leituras, babando de inveja, já "corni" quase todos os lugares. É óbvio que não é a mesma coisa. O bom seria pegar um avião ou navio e acordar em Paris, no Egito, na Grécia, Portugal, Itália, etc. É como um cara não poder namorar, mas ir espiar os outros no "amasso", no bem bom...

Ontem, quinta-feira, dia 2 de março, pela leitura, revi o Pantanal de Mato Grosso. Como lá existem muitos bichos, jacarés, capivaras, peixes, mosquitos e, principalmente, muita água, a inundação periódica me atingiu os olhos. Chorei como um bezerro desmando, ensopei 3 lenços, lembrando que, em outubro de 1992, lá estive por 10 dias, que, apesar de tudo, foram os melhores de minha vida. Meu único irmão Zito tinha morrido. A tristeza e a solidão me pegaram de jeito. Por mais que tentasse racionalizar, eu só conseguia olhar para dentro. Fiquei magoado, por baixo mesmo. Meus 3 filhos, que são ótimos, perceberam e resolveram me dar cobertura. Além da família, dos livros e das crianças, as coisas que mais amamos são as pescarias, as matas, o verde. Os 3 deixaram seus trabalhos e famílias e me levaram para Mato Grosso. Passamos por Campo Grande, Aquidauana e chegamos à cidade de Miranda. Seguimos pela BR-262 (acesso no Km 635,50), subimos 100 quilômetros, até o hotel, que fica no Passo do Lontra, às margens do Rio Miranda.

Embora estivesse dolorido, a viagem foi um deslumbramento. As 5 da manhã, já estávamos ligando os motores dos 2 botes e navegando à montante. Ar puro, garças e tuiuiús no céu, capivaras, gaviões, jacarés, peixes, o marulhar das águas, o ronronar dos motores. Foi uma estação de cura. A companhia dos filhos amigos, a força da terra, das matas, me

limparam o coração. E pescamos de madrugada até o anoitecer. Durante parte da noite também. O Zito tinha me dado uma vara de carretilha, que me deu muita sorte, pois a pescaria foi um sucesso. Quando voltávamos para o hotel, carregando a "traia", com o corpo "quebrado" pelo sadio cansaço, o sono, finalmente, vinha logo. A fome também. Tudo esteve quase perfeito. Só faltou um companheiro, para mostrar sua perícia de grande pescador, contar suas histórias e emprestar sua força e destreza. O Zitão não estava lá... Que pena!

Os 10 dias passaram muito depressa, mas as lágrimas pararam. Os pensamentos negativos esmaeceram. Sarei. É bem verdade que ainda me lembro dos versos tristes do poeta magnífico:

"Já do batel da vida, sinto a morte tomar-me o leme,  
para conduzir-me àquele porto, chamado eternidade ..."

Em verdade, estou ficando mole, gosto de ser "coçado", lembrado, ouvido. Choro à toa. Emociono-me muito. Não sei se algum dia vou voltar ao Pantanal, ao Rio Miranda, ao Passo do Lontra. Ninguém sabe nada do futuro, ninguém pode dispor sobre o destino. Não mandamos nada. Somos meras peças no jogo de xadrez da vida. Quando muito só podemos lembrar e sentir saudade... enquanto se aguarda a eternidade.